

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

MATHEW GRECHI

**“TIRE OS OLHOS DA BOLA”:**  
Análise de uma Tradução Técnica sobre Futebol Americano

PORTO ALEGRE  
2018

MATHEW GRECHI

**“TIRE OS OLHOS DA BOLA”:**

Análise de uma Tradução Técnica sobre Futebol Americano

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizamari Rodrigues Becker

PORTO ALEGRE  
2018

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Carlos e Jacqueline, por todo o suporte que me deram, desde o momento da minha mudança para Porto Alegre para estudar para o vestibular, até a minha escolha pelo curso de letras e todas as consequências que vieram a partir desse caminho escolhido. Pelo amor incondicional, paciência e orientações ao longo dos 5 anos de graduação, e por toda a minha vida, obrigado.

Às minhas irmãs, Lauren e Monique, que sempre se prontificaram a me ajudar em todos os momentos. Pela parceria e compreensão que vieram junto do laço estabelecido entre nós ao longo do tempo.

À minha namorada, Laila, pelo amor, paciência e o apoio durante todo esse processo de escrita do trabalho. Se houve tranquilidade da minha parte para lidar com os prazos e a pressão, foi porque ela estava junto comigo.

Aos meus amigos. Todos eles foram importantes, pelo seu incentivo e irmandade. São dezenas de ótimas pessoas com quem tenho orgulho de dividir os meus dias.

Aos professores do curso de letras, e em especial, a todos aqueles que foram compreensivos em momentos de dificuldade. Magali Endruweit, Elizamari Rodrigues, Ubiratã Alves e Ian Alexander, muito obrigado pela sua humanidade. Jamais esquecerei.

Por fim, agradeço a minha orientadora, em especial, professora Elizamari Rodrigues Becker, por ter confiado em minha proposta e ter me guiado com tranquilidade durante todo esse processo. Obrigado por tudo.

*"We're on to Cincinnati!"*  
(Bill Belichick)

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a tradução da obra *Take Your Eye Off The Ball*, que fala sobre novas perspectivas acerca do futebol americano, desde a rotina pré-jogo, envolvendo técnicos e jogadores, até os acontecimentos no campo de jogo. O livro escolhido pertence a um esporte pouco explorado na literatura brasileira e, de maneira geral, na língua portuguesa, do que verificou-se o quanto a sua característica exótica influencia no texto traduzido. A partir do objetivo inicial, são apresentados os principais questionamentos comuns de pesquisadores conhecidos no universo dos Estudos de Tradução, como Vinay & Dalbènet (1977), Aubert (1987) e Albir (2001), com as indagações sobre a fidelidade da tradução, as dificuldades de uma tradução técnica, e finalmente, os procedimentos técnicos aplicados no ato tradutório. Com a finalidade de analisar a tradução do livro de Pat Kirwan e David Seigerman, foram apresentados os procedimentos técnicos propostos por Heloisa Barbosa (2004) em seu livro *Procedimentos Técnicos da Tradução: Uma nova proposta*, onde ela agrupa as principais estratégias acerca da prática da tradução e propõe uma caracterização própria. Por fim, é possível julgar e analisar criticamente a atuação de Gustavo Esteves como tradutor da obra de Pat Kirwan e David Seigerman, considerando todo o contexto da obra, exemplos prévios de obras sobre futebol americano no Brasil e, finalmente, as próprias escolhas do tradutor, tendo em vista as técnicas aplicadas pelo mesmo em seu trabalho.

**Palavras-chave:** Análise de Tradução; Futebol Americano; Técnicas de Tradução; Tradução Técnica.

## ABSTRACT

The current work aims to analyse the translation of *Take Your Eye Off The Ball*, a book that approaches new perspectives about american football since its pregame routine involving coaches and players up to what happens on the football field. The book that was chosen belongs to a sport that is little explored in the Brazilian literature and Portuguese language in general, which is relevant to examine how much its exotic characteristic influenced in the translated text. From the starting objective, common reflections discussed by well-known Translation Studies researchers are presented, such as Vinay & Dalbérnet (1977), Aubert (1987) and Albir (2001), with questions about translation faithfulness (towards the original text), difficulties of a technical translation and finally technical procedures applied in translations. With the purpose of analyse the translation of Kirwan and Seigermans' book, the technical procedures proposed by Heloisa Barbosa (2004) in her book *Procedimentos Técnicos da Tradução* are introduced, along with the main translation practice strategies and recategorization of the strategies, proposed by the author in her book. In the end, it is possible to critically judge and analyse Gustavo Esteves work as translator of Kirwan and Seigermans' book, considering the context surrounding the book, previous examples of american football productions that reached Brazil, and finally, the translator choices, based on his own techniques applied to the translation.

**Keywords:** translation analysis; american football; translation techniques; technical translation

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO - O FUTEBOL AMERICANO .....	10
<b>1.1.1 Futebol Americano nos Estados Unidos.....</b>	<b>10</b>
1.2 FUTEBOL AMERICANO NO BRASIL .....	13
<b>2 ESTUDOS DA TRADUÇÃO E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....</b>	<b>19</b>
2.1 DAS REFLEXÕES ACERCA DO ATO TRADUTÓRIO.....	20
2.2 DA COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA E A TRADUÇÃO TÉCNICA.....	21
2.3 HELOISA BARBOSA E OS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE TRADUÇÃO.....	22
<b>3 ANÁLISE DA TRADUÇÃO.....</b>	<b>26</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>49</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de analisar como os procedimentos técnicos propostos por Heloísa Barbosa atendem a necessidade de avaliação de módulos aplicados durante o processo de tradução de um texto técnico. Diferentemente dos textos científicos, como artigos acadêmicos de campos como a biologia, química e sociologia, que são áreas cuja adaptação para uma segunda língua se volta muito para a tradução de termos bastante restritos à área de atuação dos profissionais e estudiosos envolvidos com o campo em questão, o texto escolhido para análise é uma obra do meio esportivo; mais especificamente sobre futebol americano, o esporte mais popular nos Estados Unidos. Apesar de ser um texto relativamente técnico, seu público-alvo é bastante abrangente, no sentido de que, diferente de textos como bulas de remédio, manuais de montagem e documentos importantes, o livro pode despertar o interesse de jornalistas, jogadores e estudiosos do esporte. Esse texto pode, ainda, captar a atenção de pessoas comuns, vindas das mais diversas classes sociais e diferentes partes do mundo, mas que, desde que nutram conhecimento sobre o jogo e tenham por objetivo se especializar ainda mais, também podem desfrutar de uma boa leitura do material.

Escrito por Pat Kirwan, contando com a participação de David Seigerman, o livro *Take Your Eye Off The Ball* objetiva oferecer ao leitor um olhar diferente da análise técnica de um jogo de futebol americano assistido pela televisão ou no campo de jogo. Os autores, apoiando-se em diversos exemplos, estatísticas e depoimentos, oferecem ao leitor análises que vão além dos desenhos das jogadas de ataque, defesa e times especiais das equipes, focando no movimento dos atletas e em pontos do jogo em que normalmente o telespectador não costuma focar sua atenção. Prestando atenção a esses detalhes, Kirwan e Seigerman ultrapassam o conhecimento que fica na superfície do jogo, avançando a níveis mais profundos de entendimento do esporte.

Para oferecer essa nova perspectiva ao leitor, Kirwan e Seigerman basearam-se no conhecimento adquirido por cada um na sua longa carreira no esporte. Kirwan foi treinador na Universidade Hofstra e na NFL, onde atuou como olheiro, assistente defensivo e agente administrativo, antes de se tornar um jornalista pela rádio *Sirius X*,

onde tem o seu próprio programa. David Seigerman, que também ajudou na construção do livro, participou de outras obras voltadas para o futebol americano, como *Pressure* (LUCAS; SEIGERMAN, 2014) e *Go Deeper: Quarterback* (KIRWAN; SEIGERMAN, 2015) – trabalhando novamente com Kirwan neste último –, e possui diversos trabalhos, tais como produtor sênior na *RealFootballNetwork*, co-produtor e co-escritor de documentários e outros sites especializados em futebol americano, como o *Football.com* e a *Sports Illustrated*.

No Brasil, o livro foi traduzido por Gustavo Esteves, contando com a ajuda de um especialista do esporte no país, Antony Curti, que atuou na tradução como revisor técnico, algo indispensável para a tradução de um texto que, além de ultrapassar as barreiras culturais, também vai além do meio comum que cerca o esporte em questão. Assim como Curti, Esteves também aliou o seu conhecimento acerca da tradução com a sua paixão por futebol americano, uma vez que atua, também, como assistente técnico de um time de futebol americano do Rio de Janeiro, o Vasco da Gama Patriotas. Dessa maneira, pode-se dizer que o perfil dos autores da obra original foi mantido pelo tradutor e revisor do texto na sua publicação em português, o que será levado em conta na análise da tradução da obra.

Através da contextualização do panorama do futebol americano nas realidades de Estados Unidos e Brasil, pretendo situar o leitor quanto à área abordada na obra analisada, mostrando como a popularidade do futebol americano já alcança uma escala que atravessa as fronteiras dos Estados Unidos, onde é o esporte mais assistido, para seguir em constante expansão na popularização em massa numa escala global, e por quê isso acontece.

Procuro estabelecer um paralelo entre o esporte mais popular nos Estados Unidos, o **futebol americano – que assim será chamado no presente trabalho para evitar confusões com o futebol (da bola redonda) –**, e o esporte mais popular no Brasil, o futebol. Além disso, aponto como, culturalmente, apesar dos esportes exercerem uma influência muito grande na população, pode ser difícil adaptar textos e enredos de um esporte exótico em uma cultura e língua que dificilmente permite a entrada de elementos de fora no seu cotidiano, e como isso também afeta a atividade tradutória.

Através da exploração de temáticas como a adaptação cultural, fidelidade ao texto original e as técnicas empregadas pelo tradutor e revisor do texto analisado, apoiando-se nas fundamentações de estudiosos como Hurtado Albir (2001), Aubert (1987), Vinay e Dalbernet (1977) e Barbosa (2004), é feita uma análise da tradução técnica aplicada ao difícil texto do autor da obra original, investigando como a área já era explorada na língua portuguesa em outras traduções e como o panorama atual do esporte no Brasil influencia nas decisões do tradutor.

Por fim, julga-se a qualidade do trabalho realizado com base nas técnicas de tradução propostas por Heloisa Barbosa (2004) no seu livro “Procedimentos Técnicos de Tradução”. Nesse livro, a autora, além de analisar indagações gerais sobre os Estudos da Tradução, estabelece um novo modelo técnico, que engloba as propostas dos autores citados anteriormente e os caracteriza de uma maneira diferente, seguindo seus próprios conceitos.

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO – O FUTEBOL AMERICANO

Nesta seção, serão apresentados dados e estatísticas que auxiliam no entendimento do papel que o futebol americano tem como esporte e qual é a sua influência no país onde foi criado, ou seja, nos Estados Unidos, e se a representatividade do esporte se assemelha ao que o futebol representa no Brasil.

Além disso, a partir desse paralelo estabelecido entre os dois países, Estados Unidos e Brasil, discute-se sobre o desenvolvimento do futebol americano no país e como a sua participação na cultura pop do país é assimilada, seja como esporte a ser praticado, como também, como método de entretenimento, em transmissões ou sendo temática de filmes.

### 1.1.1 Futebol Americano nos Estados Unidos

Em um país onde as crianças brincam com uma bola de futebol desde os seus primeiros dias, como poderia um esporte tão exótico, e com origens tão diferentes das quais se está acostumado, se tornar algo comum ao cidadão brasileiro? Em 2018, pode-se dizer que o futebol americano conseguiu o seu espaço. Não é segredo que o futebol jogado com a bola redonda é o esporte número um do Brasil – títulos mundiais para a seleção nacional, milhares de clubes espalhados pelo Brasil, jogadores que se tornam celebridades, que influenciam jovens e se tornam ídolos, além de centenas de milhões de torcedores apaixonados que se acotovelam nas arquibancadas para ver jogos todos os domingos.

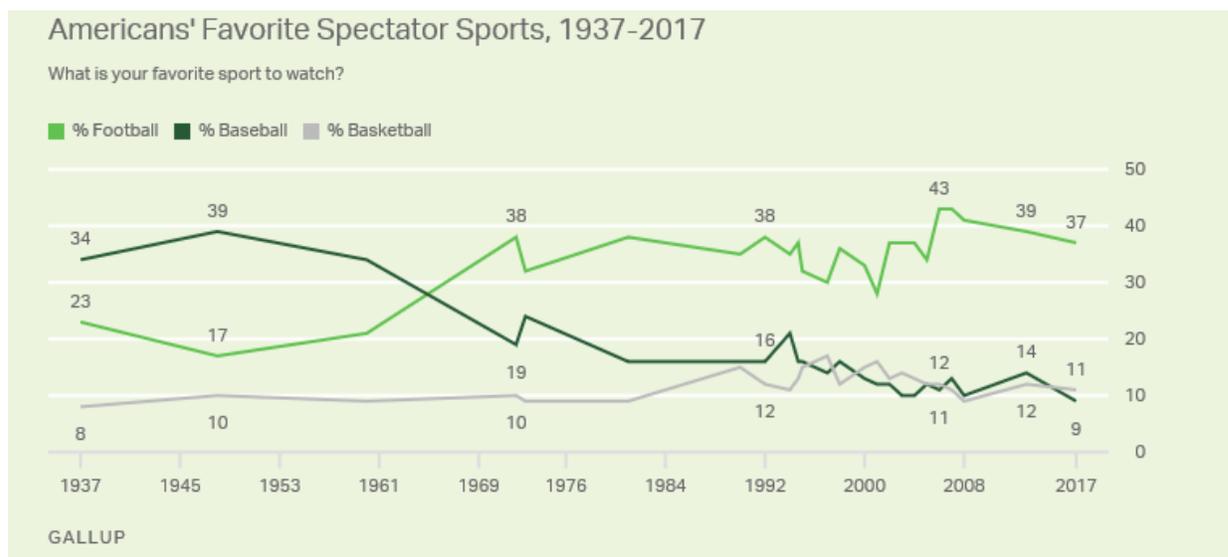
O futebol da bola redonda, *football*, ou ainda, *soccer*, é de fácil assimilação, tem objetivos claros e apaixona facilmente a quem o acompanha. Seu espaço é tamanho, que não raramente nos deparamos com expressões relacionadas ao jogo incorporadas ao cotidiano das pessoas, como é o caso de “hoje eu marquei um golaço”, falado ao finalizar um projeto elogiado no trabalho, num exemplo mais prático. Propagandas de produtos simples, como lâmina de barbear, cosméticos, produtos de limpeza e aparelhos eletrônicos estampam jogadores de futebol para promover a marca.

Contrastivamente, o futebol americano também conquistou esse espaço de popularidade nos Estados Unidos, onde ainda é o esporte com maior audiência televisiva e cujo final de temporada hoje se tornou um evento que atrai ampla atenção, em um espetáculo de proporções mundiais: o *Super Bowl*. Em 2018, foi jogada a quinquagésima segunda edição da final do campeonato da *National Football League* (NFL). Dessa vez, os atuais campeões da liga, os *Patriots* de New England, enfrentaram os *Eagles*, que levariam o primeiro troféu da história do time para a sua cidade natal, a Philadelphia, ao destronar os então campeões no jogo único, disputado em Minneapolis. Conforme aconteceu em diversas edições, recordes foram quebrados. Dessa vez, conforme informado pela *National Broadcasting Company* (NBC) e noticiado pelo *USA Today*, apesar de uma leve queda no número total de telespectadores em comparação com a edição do ano anterior, que atingira 111.3 milhões de pessoas (dentro dos Estados Unidos), e que na última edição foi vista por 103.4 milhões, foram quebrados os recordes de visualização através de plataformas de *streaming*, utilizando o aplicativo da emissora que transmitiu o jogo, com cerca de 3.1 milhões de

visualizações da transmissão online, algo em torno de 15% a mais do que o total da edição anterior.

Uma pesquisa desenvolvida pela *Gallup*, importante empresa que desenvolve pesquisas de opinião desde a década de 30 nos Estados Unidos, comprovou que a popularidade do futebol americano é majoritária no país, em detrimento de outras modalidades que são também muito praticadas e assistidas, mas ainda não atingem o mesmo número de telespectadores do esporte da bola oval, ao menos dentro do país. Os números gerais são demonstrados no gráfico abaixo, que datam desde 1937, ano da primeira pesquisa, até 2018, ano da pesquisa divulgada:

Figura 1 – Número de Telespectadores de Futebol Americano nos EUA



Fonte: Norman (2018).

Para entender melhor o que a pesquisa representa, é importante também entender como a enquete foi desenvolvida. De acordo com as informações prestadas por Jim Norman ao final da reportagem sobre o estudo desenvolvido, o método foi o seguinte:

Os resultados dessa pesquisa da Gallup foram baseados em entrevistas realizadas por telefone, conduzidas entre os dias 4 e 11 de dezembro de 2017, com uma amostragem aleatória de 1.049 adultos, com mais de 18 anos, de todos os 50 estados dos Estados Unidos e do Distrito de Columbia. Para resultados com base na amostragem total de adultos nacionais, a margem de

erro é de 4 pontos percentuais (para mais ou para menos) com um nível de confiabilidade de 95%.<sup>1</sup> (NORMAN, 2018, *online*).

Com base na pesquisa, podemos observar que o futebol americano é o esporte mais popular do país desde quando a pesquisa começou a ser feita, em 1937.

Em 2018, os números apontam que o futebol americano é o esporte favorito para ser assistido nos Estados Unidos, escolhido por 37% das pessoas entrevistadas. Em seguida, está o beisebol, conhecido como o esporte de verão do país e, também, a ascensão do futebol, esporte que é praticado no mundo todo, inclusive no Brasil, onde disparadamente é o mais assistido também, refletindo uma realidade muito próxima do que o futebol americano representa para os norte-americanos, só que em um panorama brasileiro.

Com o poderio econômico norte-americano e aspectos como a globalização, por exemplo, é difícil imaginar um cenário onde a cultura pop dos Estados Unidos não reflita no Brasil. Isso pode ser observado em diversos segmentos da indústria, desde o cinema, com as grandes produções cinematográficas de Hollywood, que lotam as salas de cinema brasileiras, até a música, uma vez que boa parte dos cantores e artistas do meio musical vivem nos Estados Unidos, onde estão os principais estúdios da indústria. Seguindo essa mesma lógica, os esportes ditos “americanos” também se popularizaram no “país do futebol” com o passar do tempo.

## 1.2 FUTEBOL AMERICANO NO BRASIL

A história do futebol americano no Brasil iniciou na década de 60, com as primeiras transmissões dos jogos na TV brasileira. Na época, a TV Tupi (hoje, rádio) transmitiu jogos da temporada regular de futebol americano. Em seu blog “Viajando Por Esporte”, Paulo Mancha, que é comentarista de futebol americano na ESPN – emissora oficial da NFL –, conseguiu contato com Thomas Noonan, o primeiro comentarista do

---

<sup>1</sup> No original: “Results for this Gallup poll are based on telephone interviews conducted Dec. 4-11, 2017, with a random sample of 1,049 adults, aged 18 and older, living in all 50 U.S. states and the District of Columbia. For results based on the total sample of national adults, the margin of sampling error is  $\pm 4$  percentage points at the 95% confidence level.”

esporte no Brasil. Através de uma entrevista, Noonan revelou diversas peculiaridades que acompanharam a função de comentar o esporte em um país cujo conhecimento sobre o mesmo era praticamente nulo, inclusive por parte do narrador, Walter Silva.

Na entrevista, Noonan revela que a emissora *Columbia Broadcasting System* (CBS) enviava fitas (na época, VHS) com as gravações dos jogos, visando à propagação do esporte no exterior, em uma tentativa de atrair cada vez mais espectadores, fãs e até adeptos-praticantes para a modalidade. Curiosamente, Noonan revelou que, na época em que veio para o país como estudante estrangeiro, ficara surpreso em encontrar a transmissão do jogo natural do seu país no Brasil, que era narrado com visível dificuldade por Walter Silva, com comentários um tanto leigos. Noonan fala que era evidente que Silva não tinha domínio das regras do esporte, e observou:

A narração era em português e eu rapidamente compreendi que se tratava de um locutor de *soccer*, pois fazia frequentes referências ao futebol brasileiro. Havia comentários como: “Esse jogo é gozado!”, “Que brutalidade!”, “Opa! Isso vai doer!”, “Todo mundo foi em cima do coitado!”. (MANCHA, 2010, *online*).

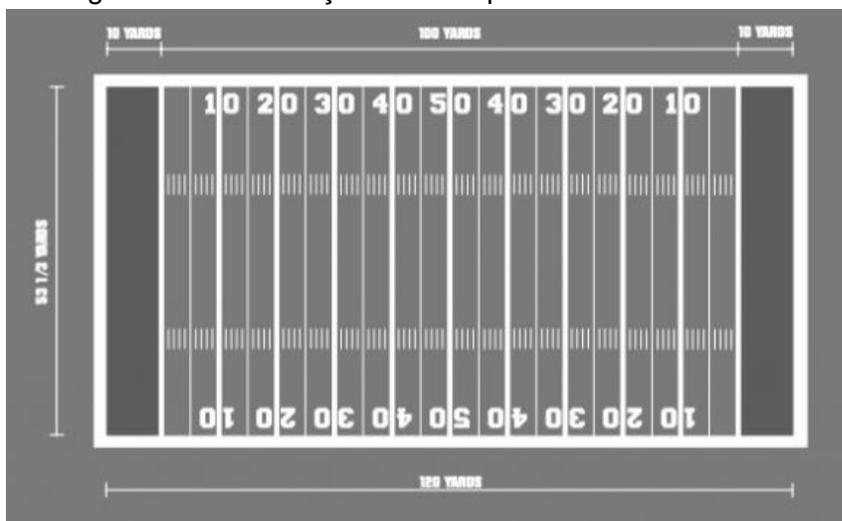
Depois de um contato com a emissora, Noonan viria a se tornar comentarista dos jogos, e ajudou na divulgação do esporte no país.

Os comentários de Walter Silva relatados por Thomas Noonan, apesar de serem da década de 60, ainda hoje são ouvidos por pessoas que não conhecem o futebol americano e as suas regras, já que a primeira impressão é de um jogo extremamente voltado para a violência e até desprovido de certo nexos. Além disso, é comum a tentativa de comparação entre o futebol, ou o *soccer*, como diz Noonan, com o futebol americano, e isso pode ser exemplificado de diversas maneiras, sendo as mais comuns explicitadas nas legendas de filmes ou seriados onde o futebol americano é referenciado.

O filme “*The Longest Yard*” (2005), cujo título foi adaptado no Brasil para “Golpe Baixo”, é uma clara tentativa de compatibilização que nos remete aos comentários de Walter Silva, em 1969. Em uma análise rápida, podemos inferir que a tradução literal do título do filme seria “A Jarda Mais Longa”. A “Jarda” pertence ao sistema métrico

utilizado nos Estados Unidos, e é uma medida de comprimento que não faz parte do Sistema de Medidas Internacionais (SMI), que é utilizado em boa parte do mundo, inclusive no Brasil. No entanto, o campo de futebol americano é inteiramente demarcado através dessas jardas, como exemplificado na Figura 2:

Figura 2 – Demarcações do campo de futebol americano



Fonte: Haley (2017).

Além disso, dentro do contexto de disputa territorial que faz parte dos objetivos principais dos times de futebol americano, “*the longest yard*”, ou a “jarda mais longa” estabelece uma clara relação com um objetivo mais difícil, pode-se assumir. O objetivo do jogo é ganhar jardas para o seu time, e “a jarda mais longa” sintetiza a dificuldade de atingir esse objetivo, o que faz relação com o enredo do longa-metragem, que fala da tentativa de reabilitação de um ex-jogador que agora está na cadeia e lidera o seu time formado por presidiários para enfrentar o time dos guardas, em uma tentativa do diretor da prisão local para atingir prestígio em uma futura campanha eleitoral. A opção por adaptar o título para “Golpe Baixo”, de certa forma retira o peso e o significado original do título, uma vez que adota uma postura mais genérica, que não leva o telespectador a reflexão.

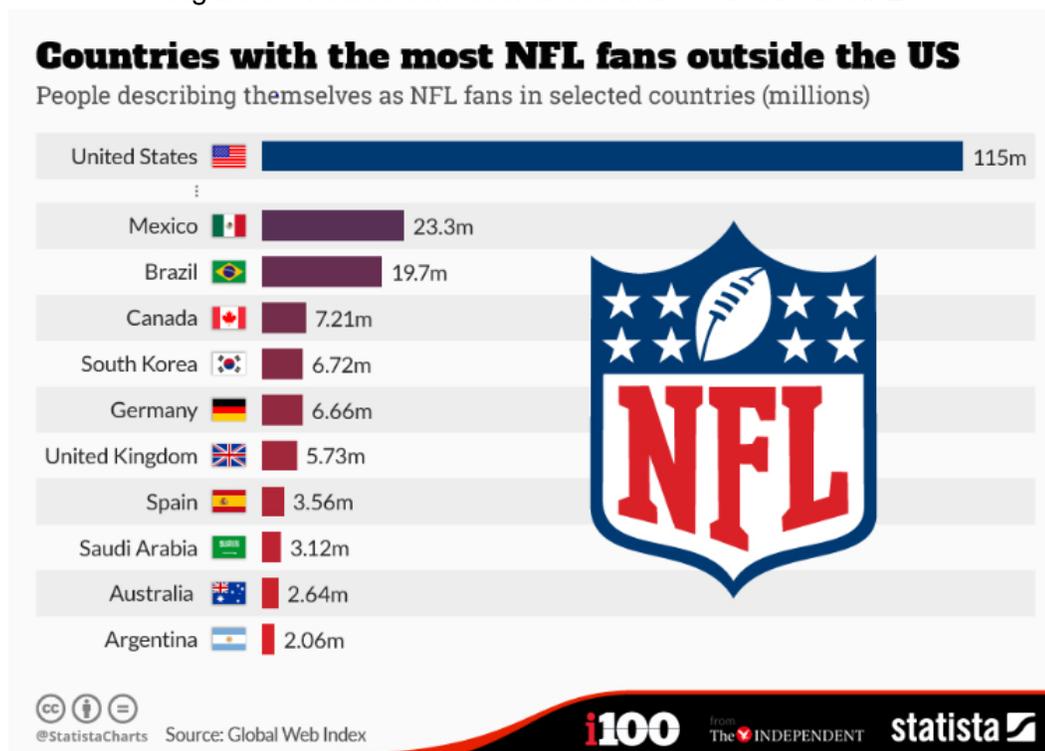
Em um dado momento do filme, dessa vez no que tange a tradução aplicada à legendagem dos diálogos, uma das opções que mais chamam a atenção é o nome dado à posição mais importante dentro de um time de futebol americano, o

“*Quarterback*”. Como no futebol, o QB é o equivalente ao camisa 10 de um time de futebol, sendo o responsável por armar as jogadas e por se sobressair dos demais tecnicamente. No entanto, a opção escolhida foi de traduzir a posição para “Zagueiro”, posição que existe no futebol (exclusivamente) e cuja adoção na cultura da língua portuguesa no Brasil contraria a verdadeira função da posição do futebol americano, passando uma ideia completamente errônea da importância da posição e de sua verdadeira função tática no jogo. Analisando a opção, pode-se assumir que a tradução não passou por uma revisão técnica, ou jamais o erro teria acontecido, uma vez que parece que a opção por “zagueiro” seguiu um raciocínio de análise da etimologia da palavra “quarterback”, que poderia ser dividida em “quarter” e “back”, ou, traduzindo-se para o português, “um quarto para trás”. Assim, se houve a tentativa de relacionar o “quarto” a uma medida de proporção, de medida do campo de jogo, o tradutor associou com “back” e relacionou com uma palavra que faz referência a parte de trás do campo, atribuindo um caráter defensivo à posição, tal qual é o zagueiro no futebol.

De qualquer forma, esses são apenas alguns exemplos das dificuldades que um esporte estrangeiro pode causar quando inserido no meio cultural de pessoas que não estão acostumadas com a sua jogabilidade, com os seus objetivos e regras e, também, com o seu vocabulário próprio, que ao contrário de esportes de prática mundial, ainda se abriga em palavras de uma segunda língua, o inglês.

De 1969 a 2018, muito mudou no panorama e visibilidade do futebol americano no país. Em uma pesquisa feita pelo site britânico *Statista* (MCCARTHY, 2015), em parceria com a *Global Web Index*, no ano de 2015, o Brasil já era apontado como o terceiro maior mercado consumidor da *National Football League*, com 19.7 milhões de fãs declarados do esporte, conforme apontado abaixo, perdendo apenas para o México, fora os Estados Unidos.

Figura 3 – Países com os maiores índices de fãs da NFL



Fonte: McCarthy (2015).

Em 2018, a *Entertainment and Sports Programming Network* (ESPN) é a emissora licenciada detentora dos direitos de transmissão da temporada da NFL. Possui cerca de 7 transmissões semanais, o que é basicamente a metade dos jogos disponíveis em cada rodada, focalizando toda a atenção do torcedor em uma só emissora, apesar de que a expansão para modalidades de streaming é uma realidade, utilizando aplicativos pagos para assistir os jogos e transmissões. Fontes de notícia sobre o esporte não são mais exclusivamente estrangeiras, tampouco.

Com o crescente interesse do cidadão comum no esporte, diversos sites especializados disponibilizam conteúdos de qualidade para o torcedor que deseja se aprofundar nos quesitos técnicos do jogo. Na verdade, um dos escritores desses blogs e sites sobre o esporte se tornou o revisor técnico da tradução de Gustavo Esteves para a obra de Kirwan e Seigerman, analisada no presente trabalho. Antony Curti é o criador de um dos sites pioneiros no Brasil sobre futebol americano, o *The Concussion*, que hoje se chama *Pro Football*, por motivos que explicaremos depois. Depois de anos sendo editor-chefe do site, Curti, hoje, além de administrar o Pro Football, também é

comentarista das transmissões da ESPN, tamanho é o seu conhecimento sobre o jogo, adquirido em anos de estudo e de admiração pelo esporte. Por ter domínio desse conhecimento, Curti é o revisor técnico do livro *Tire os Olhos da Bola*, e é um ótimo exemplo da importância do revisor técnico dentro do processo tradutório, que discutirei a seguir.

## 2 ESTUDOS DA TRADUÇÃO E PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O processo tradutório é estudado exaustivamente na graduação de um profissional de letras que visa se tornar um tradutor. Noções prévias que o aprendiz pode ter sobre a tradução – como aquela de que, para traduzir, basta conhecer múltiplos idiomas – parecem se tornar ingênuas quando são descobertas as diversas reflexões (teóricas) acerca da atividade e do porquê da necessidade de estudar sobre o tema para se tornar um tradutor competente. No universo da tradução, essa noção vai além da competência linguística, que se basearia em um conceito de domínio de língua e itens lexicais, o que precisa de complementações, como o conhecimento de mundo, das áreas específicas e as noções de boas práticas de tradução.

Com a globalização, meios de comunicação em massa e a conectividade que integra a população mundial, a tradução é uma atividade indispensável no cotidiano das pessoas, mesmo que não seja reconhecida como tal. Filmes produzidos na Europa e na América do Norte são trazidos para o Brasil, inseridos em uma cultura totalmente diferente e são legendados e dublados para se tornarem acessíveis e entendíveis pela população. O mesmo acontece com a tradução de obras literárias, desde peças clássicas, até novas literaturas voltadas para o público infanto-juvenil. No meio acadêmico, pesquisas das mais diversas áreas são traduzidas para o português, visando ampliar o conhecimento sobre os temas que competem aos estudiosos da área em questão, inseridos em uma cultura que carrega uma língua diferente daquela pertencente ao cotidiano do autor da pesquisa. A tradução carrega uma responsabilidade de transposição de ideias e de conhecimentos que atravessa culturas e contextos sociais, e isso gera, também, uma série de reflexões necessárias, que serão apresentadas nessa seção, apoiando-se em estudiosos da área dos Estudos de Tradução, como Hurtado Albir (2001), Francis Aubert (1987), bem como as propostas de categorização de técnicas tradutórias e ideais trazidos por Vinay e Dalbernet (1977), analisados e re-caracterizados por Heloísa Barbosa (2004).

## 2.1 DAS REFLEXÕES ACERCA DO ATO TRADUTÓRIO

Diversos questionamentos são constantemente debatidos com enfoque no ato tradutório. Talvez a mais comum reflexão entre os estudiosos da área seja a pergunta: o que é a tradução? Ou ainda, para quem é feita a tradução? Tais conceitos diferem, de estudioso para estudioso. Hurtado Albir (2001) resgata esses conceitos diante de diversas versões oferecidas para “o que é traduzir”, mencionando a definição de tradução de Vinay e Dalbernet (1977), que entendem a tradução como “o passar de uma língua A a uma língua B para expressar a mesma realidade”, um conceito tido por Hurtado Albir (2001) como insuficiente, por situar a tradução apenas em um plano da língua, distante do plano da fala. O dicionário Michaelis, da língua portuguesa, define a “tradução” como:

1. Ação ou ato de traduzir;
2. transposição ou versão de uma língua para outra; técnica que consiste em traduzir palavra, enunciado, texto, obra etc. falado ou escrito, de uma língua para outra, possibilitando a sua compreensão por alguém que não conhece ou não domina a língua em que originalmente o enunciado foi emitido. (MICHAELIS, 2018, *online*).

A ideia de traduzir um texto, de maneira genérica, traz a definição proposta no dicionário Michaelis. Junto do segundo ponto trazido pelo dicionário, também está respondido o “por quê” do ato tradutório e a sua importância, já que a sua existência oferece a possibilidade de que um conhecimento que poderia estar restringido a uma língua desconhecida, uma “língua de saída”, se torne acessível a pessoas de uma segunda língua, que chamaremos de “língua de chegada”. Sobre as reflexões primordiais, acerca da tradução, Hurtado Albir (2001) expõe sua teoria acerca de “por quê, para quê e para quem é feita a tradução”:

Se traduz porque as línguas e as culturas são diferentes; a razão de ser da tradução é, portanto, a diferença linguística e cultural.

Se traduz para comunicar, para transpassar a barreira que se dá por causa dessa diferença linguística e cultural; a tradução tem, portanto, uma finalidade comunicativa.

Se traduz para alguém que não conhece a língua, em geral, tampouco a cultura na qual o texto foi formulado (escrito, oral ou audiovisual). O tradutor não traduz para si mesmo (exceto por raras ocasiões), mas sim para um destinatário que necessita dele como mediador linguístico e cultural, para acessar um texto; esse destinatário pode perseguir finalidades diferentes em relação ao texto (que funcione como um original, que acompanhe o original, etc.)<sup>2</sup>. (HURTADO ALBIR, 2001, p. 28, tradução de minha autoria).

Com relação aos objetivos do tradutor, é importante que seja destacado que a atividade do mesmo raramente é praticada de forma que ele seja o indivíduo que tiraria maior proveito do material produzido. Em geral, a tradução é feita para um terceiro, em uma mediação feita entre o autor do texto original e o tradutor, para levar o texto a um leitor da língua alvo, que será quem definirá a utilização do conhecimento adquirido. Outro ponto de destaque é que a tradução de um texto é uma atividade que raramente será facilitada pelo contato entre o autor do texto original, na sua própria língua, com o tradutor. Dessa maneira, cabe ao responsável por realizar a tradução ter domínio não só de todas as nuances que podem acompanhar o texto original, mas também de estudar o material a ponto de entender o objetivo do autor. A qualidade da tradução entra em questão nesse ponto, e aqui faz-se referência ao tema da competência tradutória.

## 2.2 DA COMPETÊNCIA TRADUTÓRIA E A TRADUÇÃO TÉCNICA

Nos Estudos de Tradução, onde se avalia também a qualidade do material a ser produzido e métodos voltados para o ensino da tradução, se fala do desenvolvimento da competência tradutória como algo que necessariamente deve ser adquirido pelo profissional de tradução.

---

<sup>2</sup> No original: “Se traduce porque las lenguas y las culturas son diferentes; la razón de ser de la traducción es, pues, la diferencia lingüística y cultural.

Se traduce para comunicar, para transpasar la barrera de incomunicación devida a esa diferencia lingüística y cultural; la traducción tiene, pues, una finalidad comunicativa.

Se traduce para alguien que no conoce la lengua, y generalmente tampoco la cultura, en que esta formulado un texto (escrito, oral o audiovisual). El traductor no traduce para sí mismo (excepto em raras ocasiones), traduce para un destinatario que necessita de él, como mediador lingüístico y cultural, para acceder a un texto; ese destinatario puede perseguir finalidades diferentes en relación con el texto (que funcione com un original, que acompañe al original, etc.)”

Hurtado Albir (2005) estudou a fundo essa questão e definiu a competência de tradução como um tipo de conhecimento especializado, que seria um aprimoramento de habilidades baseado em diversas subcompetências, uma série de itens que deveriam ser adquiridos pelo tradutor de modo a aprimorar a sua formação, e por consequência, a qualidade do seu trabalho.

Para Rychen e Selganik (2003), de forma geral, uma “competência” é definida como a capacidade de atingir com sucesso complexas exigências em um contexto específico. Para fazer isso, são necessários diversos fatores, como a mobilização do conhecimento, habilidades cognitivas, habilidades práticas, e ainda, componentes sociais e comportamentais, como atitudes, emoções, valores e motivações

Uma tradução técnica, tal qual é o caso da obra analisada neste trabalho, necessita de uma grande atenção por parte do tradutor, uma vez que traduzir um texto de uma área específica exige, também, um conhecimento desta área. O futebol americano, como o próprio nome diz, não é originário do país de onde a tradução foi feita, e é fácil inferir que a diferença de língua se fez presente. Mais do que transpor as ideias de Pat Kirwan e de David Seigerman e todos os ensinamentos que os autores pretenderam passar sobre as técnicas menos perceptíveis do jogo, o tradutor precisou adaptar o vocabulário para algo compreensível na realidade brasileira.

O elemento cultural sempre é um fator na tradução, principalmente na tradução técnica. Geralmente, os exemplos para esse tipo de tradução se voltam para textos de medicina, ou ainda, bulas de remédio para demonstrar a importância da exatidão e fidelidade que deverá estar presente na tradução, em concomitância com o texto original. Uma bula de remédio traduzida erroneamente poderia ter efeitos catastróficos. A tradução de um manual de um móvel deve ser clara ao leitor cuja competência só atinge a língua de chegada, ao mesmo tempo em que deve atender o conceito de fidelidade (com o texto original), para que nenhuma informação seja deixada de fora.

### 2.3 HELOISA BARBOSA E OS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE TRADUÇÃO

Barbosa (2004), na obra que norteará a análise da tradução de *Take Your Eye Off The Ball*, retoma a ideia de fidelidade ao texto original, frequentemente posta à prova em estudos da área de tradução. Na verdade, Barbosa (2004) se apoia em Nida (1964), para citar o exemplo de que o culto exagerado à forma (texto original) prejudica o entendimento do texto, como é o caso por ele exemplificado de algumas populações que, na necessidade de tradução de textos bíblicos, valorizam excessivamente o texto original e cobram a literalidade em detrimento de uma possível adequação que melhoraria a assimilação do que o texto poderia passar ao leitor.

Em sua obra, a autora investiga, ainda, diversas áreas de tensão que acompanham o processo tradutório, destacando questões como a oposição entre a tradução livre e a tradução literal e as diferenças entre uma tradução técnica e uma tradução literária. Mas o grande embasamento da autora ao longo de *Procedimentos Técnicos de Tradução* é, justamente, estabelecer um mapeamento de todas as técnicas empregadas durante uma tradução e estabelecer uma nova proposta de recategorização para essas técnicas. Através de suas próprias deliberações acerca do tema, apoiando-se também em definições consensuais e estabelecidas nos Estudos de Tradução, Barbosa (2004) propõe a seguinte configuração para as técnicas:

Tabela 1 – Categorização dos Procedimentos Técnicos de Tradução

<b>Convergência do Sistema Linguístico, do Estilo e da Realidade Extralinguística</b>	<b>Divergência do Sistema Linguístico</b>	<b>Divergência do Estilo</b>	<b>Divergência da Realidade Extralinguística</b>
Tradução palavra-por-palavra	Transposição	Omissão vs. Explicação	Transferência
Tradução literal	Modulação	Compensação	Transferência c/ Explicação
X	Equivalência	Reconstrução	Decalque
X	X	Melhorias	Explicação
X	X	X	Adaptação

Fonte: Barbosa (2004, p. 93).

Através dessa classificação, ela estabeleceu quatro níveis para as técnicas de tradução. O primeiro desses níveis leva em conta a literalidade característica das traduções, apresentando as noções de tradução palavra-por-palavra e de tradução literal. As duas técnicas estão no primeiro nível porque a sua aplicabilidade depende de um sistema totalmente convergente. Isso que quer dizer que, para aplicar tal técnica em sua tradução de maneira correta, visando um bom trabalho, é necessário que contexto, léxico e o estilo próprio do tradutor possam, ao mesmo tempo, agir em conjunto para que a tradução conserve o sentido do texto e atenda a questão da fidelidade, muito julgada como critério de qualidade de avaliação de um trabalho de tradução.

No segundo nível, Barbosa (2004) estabelece as técnicas cuja aplicabilidade está diretamente relacionada com as divergências gráficas e sintáticas entre a língua de origem do texto original e a língua de chegada (o idioma para o qual o texto será traduzido). Neste nível, estão presentes a transposição, a modulação e a equivalência, todos abordados na tradução de Gustavo Esteves e analisados no capítulo 3 do presente trabalho.

Depois, a autora estabelece as técnicas associadas às marcas de estilo do tradutor, o que comporta técnicas que, diversas vezes, são tidas como opcionais e dependem muito da análise do profissional que está traduzindo o texto, bem como do texto em si e o que ele possibilita atuar nesse sentido diante de uma tradução. Por fim, são propostas as técnicas associadas com as diferenças extralinguísticas apenas, o que compreende métodos que geralmente são muito utilizados em uma tradução, já que dizem respeito ao contexto, diferenças culturais e fatores externos que possam influenciar em decisões na tradução, como aconteceu em *Tire os Olhos da Bola*. Uma vez que o futebol americano, tema central da obra, ainda é um esporte novo, em constante desenvolvimento no Brasil, nos Estados Unidos, maior consumidor da leitura acerca do tema, esse é o esporte mais popular do país, o que exemplifica essas diferenças culturais.

De qualquer maneira, através dos dados apresentados sobre o panorama geral da área na qual o livro de Pat Kirwan e David Seigerman está inserido e de outros diversos exemplos de participação do esporte na cultura brasileira, no capítulo 3 será

feita uma análise da tradução de Gustavo Esteves, que teve o desafio de transpor o conteúdo de um livro voltado para um público já com conhecimento prévio do esporte, para uma língua e público diferentes. Público esse que, em sua maioria, provavelmente possui noções intermediárias quando comparado ao público-alvo da língua de origem do livro, o inglês. A partir disso, as técnicas propostas por Barbosa (2004) tornam-se guia fundamental neste trabalho para julgar os procedimentos escolhidos pelo tradutor, analisando objetivamente a qualidade do seu trabalho e as motivações técnicas empregadas no texto traduzido.

### 3 ANÁLISE DA TRADUÇÃO

Como mencionado anteriormente, o futebol americano já não é uma novidade no que tange a sua presença na cultura brasileira. Além das transmissões dos jogos, que hoje são muito presentes em grades de programação, livros, filmes e séries que fazem referência ao esporte também estão presentes na cultura pop do país.

Seguindo o exemplo de *“The Longest Yard”* (2005), ou “Golpe Baixo”, recentemente chegaram ao Brasil diversos filmes com a temática do futebol americano. *“The Blind Side”* (2009), filme autobiográfico baseado no livro de Michael Lewis (2006), foi indicado ao Oscar no seu ano de lançamento. No Brasil, a tradução adotada pela *Warner Bros* foi “Um Sonho Possível”. Pesquisando-se o termo *“Blind Side”*, a seguinte definição é encontrada em um site voltado para o futebol americano:

Uma expressão para o lado da linha ofensiva em que o quarterback não consegue ver enquanto está no pocket. Para quarterbacks destros, o left tackle (do lado esquerdo) protege o lado cego. Há uma ênfase a mais no que diz respeito a manter o lado cego do quarterback a salvo, pelo fato de o risco de turnover ser maior em caso de um hit vindo pelo lado cego, já que o quarterback não consegue ver o impacto se aproximando. Os times costumam colocar o seu melhor jogador da linha ofensiva para jogar no lado cego visando diminuir o risco de pressão.<sup>3</sup> (SPORTINGCHARTS, 2015, *online*)

Assim como em *“The Longest Yard”*, *“Blind Side”* foi um filme cuja tradução de seu título se distanciou do contexto do próprio enredo e a escolha por um título genérico, voltado para o gênero dramático, foi preferível a lançar o filme com um título que estabelecesse uma relação com o esporte, ainda tido como desconhecido pelo público brasileiro. A mesma situação se repete em outros filmes cujo título faz clara referência ao esporte. *“Friday Night Lights”* (2004) teve o título adaptado para “Tudo Pela Vitória”, se distanciando da referência aos jogos clássicos do futebol americano disputados no colegial, que normalmente ocorrem na sexta à noite, o que explica o uso da expressão “luzes de sexta-feira à noite”, em direta alusão à iluminação dos refletores

---

<sup>3</sup> No original: “A term for the side of the offensive line that the quarterback is facing away from while in the pocket. For right handed quarterbacks, the left tackle protects the blind side. There is an extra emphasis is placed on keeping the quarterback's blind side safe due to the higher risk of a turnover on a hit from the blind side since the quarterback cannot see the impact coming. Teams will often put their best offensive lineman on the blind side to lessen the risk of pressure.”

do estádio. “*Concussion*” (2015) foi adaptado para “Um Homem Entre Gigantes”, retirando do título a palavra “Concussão”, nome da lesão que mais afeta jogadores de futebol americano, devido aos frequentes choques contra a cabeça dos atletas; esse tema é ainda muito polêmico nos bastidores do jogo e ocasiona diversas mudanças de regras todos os anos, visando diminuir a chance desse tipo de trauma deixar sequelas nos jogadores. A polemicidade em torno do tema, aliás, motivou Antony Curti a mudar o nome do seu website, o *The Concussion*, para *Pro Football*. Inúmeros exemplos seguem a mesma linha dos filmes mencionados, mas é entendível, em uma cultura diferente daquela onde o jogo se desenvolve, que as escolhas dos tradutores fujam da questão da fidelidade linguística na tradução.

O contraste entre o original e a tradução do livro “*Take Your Eye Off The Ball*” salienta características diferentes que foram levadas em conta nos momentos das escolhas feitas pelo tradutor Gustavo Esteves. Para começar, o público-alvo é bem específico, diferente de livros com temática aberta, que facilitam a leitura e colocam a obra à disposição de milhares de leitores que, mesmo sem conhecimento prévio do tema, podem ler sem prejuízo do entendimento do enredo. O livro de Pat Kirwan e David Seigerman, mesmo nos Estados Unidos, requer certo conhecimento de área, afinal, a proposta dos autores é justamente mostrar as características e movimentações que transitam além da superfície do jogo, além do espaço de ação maior, onde a bola está colocada. Desde a movimentação dos atletas, até o tipo físico necessário para um jogador ser efetivo em cada posição, todos esses pontos são abordados por Kirwan e Seigerman, que objetivam fornecer conhecimento extra a um público que é focado em fãs de futebol americano.

Devido à evolução do esporte no Brasil, fato já mencionado no presente trabalho, é perceptível, no ato da comparação entre o texto em inglês e a sua tradução, diversas escolhas tradutórias que, para o leitor comum – sem conhecimento da área –, podem parecer controversas no livro, principalmente no seu capítulo final, chamado “*Talk the Talk*”. Nesse capítulo, Kirwan apresenta um glossário de jargões e termos sobre o esporte que estão dispersos no livro, e que são tão específicos do jogo, que poderiam confundir o leitor. Para esse capítulo, Kirwan justifica a iniciativa de criar o glossário de termos da seguinte maneira, de acordo com a tradução de Esteves:

Uma coisa é saber reconhecer todas as coisas que você está vendo no campo do futebol americano. Falar sobre elas usando a linguagem de um verdadeiro insider do esporte é outra completamente diferente.

Adoro quando alguém liga pro meu programa de rádio e começa a falar sobre um "Pirate Stunt" ou um linebacker alavancando alguém. Esses torcedores não estão tentando se mostrar; eles estão falando a linguagem do jogo.

Conheço muitos caras da NFL que não querem ouvir torcedores falando assim, pois isso removeria a parede entre eles, mas que ter os meios para falar sobre futebol americano com certa autenticidade dá ao torcedor a chave da cidade que ele nunca antes possuiu.

Aqui estão vários termos de futebol americano utilizados pelas pessoas que estão dentro e ao redor do esporte. Alguns deles são jargão técnico, outros são mais gírias. Agora que você foi introduzido aos conceitos, por que não aprende a falar o idioma também?<sup>4</sup> (KIRWAN; SEIGERMAN, 2015, p. 233-234, tradução de Esteves).

Do segmento introdutório do capítulo, diversas informações podem ser destacadas. Corroborando com a dificuldade técnica de tradução da obra, é importante mencionar que, se até na sua linguagem original (inglês), houve necessidade de criação de um glossário para ajudar o leitor a entender algumas das argumentações expressas no livro, o mesmo deveria ser feito na língua de chegada (o português), com cuidado redobrado para que o mesmo entendimento fosse transmitido. Digo "redobrado" porque seria preciso transmitir a explicação do termo, de modo a também repassar esse entendimento no português.

Além disso, as motivações dos autores para escrever o livro são novamente comprovadas quando eles afirmam que esses jargões geralmente são utilizados por especialistas do esporte, e não por fãs. A tentativa de explicar tudo o que adquiriu atuando no esporte, seja como treinador, *manager* ou jornalista, rompe com a barreira

---

<sup>4</sup> No original: It's one thing to be able to recognize all the things you're seeing out there on the football field. To talk about them in the language of a true football insider is another thing altogether. I love it when we get calls on the radio show and someone starts talking to me about a "Pirate Stunt" or a linebacker using leverage. Those fans are not trying to show off; they're just sounding the part.

I know a lot of guys don't want the fans to talk this way because it removes the wall between them, but I think having the means to talk football with a certain amount of authority and authenticity gives a fan a key to the kingdom that he's never had before.

Here are a bunch of football terms used by the people in and around the game. Some of them are technical jargon, some are more slang. Now that you've been introduced to the concepts, why not learn so speak the language, too? (KIRWAN; SEIGERMAN, 2010, p. 157).

de um conhecimento que estava, até então, restrito a experts, com jargões próprios e de difícil assimilação, mas que agora eles tornam público para o seu leitor.

Abaixo, elenco as primeiras dez expressões desse glossário elaborado por Kirwan e Seigerman, e a tradução feita por Esteves, para que sejam analisadas a partir de uma visão contextual, não entrando na questão do texto fluido da obra que será analisado com base nos procedimentos propostos por Barbosa (2004), até porque boa parte dessas expressões, na verdade, não estão presentes nos demais capítulos do livro, apenas no glossário:

Tabela 2 - Glossário

Original	Tradução
<p><b>Anchor:</b> The ability to hold one's ground and not be moved.</p>	<p><b>Âncora:</b> A capacidade de segurar a sua posição e não ser movimentado.</p>
<p><b>Back Shoulder Fade:</b> A pass thrown behind the wide receiver when the cornerback is lined up on his upfield shoulder.</p>	<p><b>Back Shoulder Fade:</b> Um passe lançado atrás do <i>wide receiver</i> quando o <i>cornerback</i> está alinhado no seu ombro externo.</p>
<p><b>Backed-off Man Coverage:</b> Man-to-man pass coverage in which the defensive back lines up several yards off the line of scrimmage. It's the opposite of press-coverage.</p>	<p><b>Cobertura Homem a Homem Recuada:</b> Cobertura de passe homem a homem na qual o <i>defensive back</i> alinha várias jardas atrás da linha de <i>scrimmage</i>. É o oposto da cobertura <i>press</i>.</p>
<p><b>Bait:</b> When a defense shows the quarterback something before the snap in an effort to influence where he'll go with the ball.</p>	<p><b>Isca:</b> Quando uma defesa mostra ao <i>quarterback</i> algo antes do <i>snap</i> no intuito de influenciar para onde ele vai com a bola.</p>
<p><b>Ball Athlete/Ball Skills:</b> Refers to how well a player reacts to the ball when it's in the air. It's a reference to a player's natural instinct</p>	<p><b>Atleta da Bola / Habilidades com a Bola:</b> Faz referência a capacidade de um jogador reagir com relação a bola quando ela está no</p>

<p>for the ball.</p> <p><b>Bandit:</b> A combination safety-linebacker</p> <p><b>Big Butt:</b> Exactly what it sound like – it’s considered a positive trait, especially for linemen,</p> <p><b>Big on Big:</b> Situations in which one large player is matched up against another.</p> <p><b>Bird Dog:</b> A quarterback’s tendency to keep his eyes glued to an intended receiver throughout his pattern, rather than looking away from him and toward different receivers. Bird dogging tends to tip off the defensive players about where the pass will be thrown.</p> <p><b>Blind Side:</b> The side of the backfield opposite the quarterbacks’s throwing arm, where he has less-than-optimal vision when setting to throw</p>	<p>ar. Diz respeito ao instinto natural do jogador com a bola.</p> <p><b>Bandido:</b> Uma combinação de <i>safety-linebacker</i>.</p> <p><b>Bunda Grande:</b> Exatamente o que parece ser – é considerado uma boa característica, especialmente para <i>linemen</i>.</p> <p><b>Grande no Grande:</b> Situações em que um jogador grande está enfrentando outro grande.</p> <p><b>Cão de Caça:</b> A tendência de um <i>quarterback</i> em manter os olhos grudados no <i>receiver</i> alvo durante a sua rota, em vez de olhar para outros <i>receivers</i>. Dar uma de cão de caça tende a revelar para os defensores onde o passe será lançado.</p> <p><b>Blind Side:</b> O lado do <i>backfield</i> oposto do braço de lançamento do <i>quarterback</i>, onde a visão dele não é boa quando ele está armando o lançamento.</p>
--	---

Fonte: minha autoria com base em Kirwan e Seigerman (2010, p. 157-158) e Kirwan e Seigerman (2015, p. 233-234), traduzido por Esteves.

A partir do glossário estabelecido por Kirwan e Seigerman (2010), pode-se fazer diversas observações a respeito dos critérios estabelecidos pelo tradutor, que parecem ser diversos diante das possibilidades apresentadas.

Por exemplo, é notável a sua escolha pela completa tradução de jargões compostos por uma única palavra, na língua original e na língua portuguesa. As

palavras *Anchor*, *Bait* e *Bandit*, por exemplo, receberam a **tradução literal**, respectivamente para Âncora, Isca e Bandido, e analisando de uma perspectiva do jogo, é perfeitamente justificável. “Âncora”, em qualquer língua, faz referência a um objeto pesado, estável e fixo, o que corrobora com a explicação dada no glossário. “Isca”, tanto na pesca quanto no dialeto popular brasileiro, é utilizado com o mesmo sentido apresentado no jogo: a tentativa de influenciar um indivíduo a seguir uma tendência, visando o benefício próprio de quem “joga a isca”. Por esse motivo, não é incomum deparar-se com a expressão “mordeu a isca” em referência a quem é enganado.

A tradução de *bandit* para “bandido”, não estabelece uma relação, mesmo lendo a explicação do termo, principalmente se o leitor não for conhecedor do jogo. No entanto, no contexto da área, faz perfeito sentido, uma vez que um jogador da posição *safety* ou *linebacker*, atua na defesa, visando roubar a bola do adversário. Nesse caso, a habilidade do jogador estaria potencializada pela sua capacidade de atuar como um híbrido nessas duas posições.

É interessante observar, também, a opção do tradutor na **adaptação** do termo *Bird Dog*. Ao invés de uma tradução literal, que possivelmente culminaria na expressão “Cachorro de Pássaro”, ou ainda, “Pássaro-Cachorro”, que não faria qualquer sentido na língua portuguesa, Esteves optou pela preservação de sentido, saindo de um plano exclusivamente linguístico, para um panorama semântico. Nesse caso, a opção do tradutor pela tradução livre “Cão de Caça” cumpre o objetivo de preservação de sentido, uma vez que um *bird dog* é, na verdade, um cão de caça treinado para caçar ou recuperar pássaros, o que não tem uma expressão específica na língua portuguesa.

Retomando um conceito trazido no início da análise, temos a expressão *blind side*, que o autor optou por preservar a sua utilização na língua original, não a traduzindo para o português. Diferentemente da situação envolvendo o filme, cuja preservação de sentido não era prioridade, levando em conta a questão do público alvo, Esteves possivelmente optou por deixar a expressão em inglês entendendo que ela já é de domínio do público que acompanha o jogo, mesmo que a tradução em português mantivesse o sentido da palavra em inglês. O mesmo acontece com *back shoulder fade*, que na verdade é um tipo de arremesso. A tradução palavra-por-palavra dessa

expressão se afastaria do sentido original, uma vez que *fade*, literalmente, remete a “enfraquecido” ou “enfraquecer”, o que não condiz com a definição proposta por Kirwan e Seigerman. Pela especificidade da situação, portanto, o tradutor preservou a expressão original.

Existem, ainda, outras expressões como *big butt*, *big on big* e *ball athlete*, que, talvez por uma questão de relevância e utilização (extremamente rara, em comparação com as demais) na área, o tradutor optou pela tradução para o português de uma forma literal. Para esses termos, não existe uma justificativa clara a ser assimilada, restando apenas inferir que foi uma escolha própria do tradutor. Ainda, outra expressão do glossário que foi adaptada no português foi *Backed-off Man Coverage*, cuja tradução foi “Cobertura Homem a Homem Recuado”. Analisando a expressão original, em inglês, percebe-se que “Homem a Homem” é algo que só está presente no momento da definição do termo. No entanto, se afastando dos signos linguísticos, Esteves observou uma oportunidade de fornecer sentido, já no momento do título, uma vez que a tradução literal ficaria um tanto inusitada na língua portuguesa: “Cobertura de Homem Recuado”.

Pode-se concluir, só nesse pequeno trecho da obra de Kirwan e Seigerman, uma notável diversidade de escolhas tradutórias disponíveis de que Gustavo Esteves fez uso no momento da tradução, certamente com o auxílio do revisor técnico, Antony Curti, que assim como ele, obtém um importante conhecimento do campo em questão. Desde opções por manter a grafia original em inglês, em caso de termos mais consagrados na área, até a tradução literal de termos cujo sentido se faz presente tanto na língua de saída (inglês) quanto a língua de chegada (português), passando por adaptações que melhorariam o entendimento do leitor, com o acréscimo ou subtração de expressões no momento da tradução. Essas mesmas escolhas se apresentam ao tradutor, a todo momento, ao longo da obra.

De modo a organizar e categorizar as dúvidas e reflexões que fazem parte da rotina de trabalho do tradutor, e mais especificamente, nesse caso, do trabalho executado por Gustavo Esteves, será utilizado como guia o modelo elaborado por Heloisa Barbosa (2004), que faz um apanhado dos procedimentos técnicos debatidos por estudiosos como Vinay e Dalbernet (1977), Nida (1964), Catford (1965) e outros, os

reclassificando e aplicando sobre esses procedimentos uma terminologia que traz mais clareza ao tradutor-leitor, para servir de apoio ao mesmo no ato da tradução. Na tabela abaixo, são separadas as 13 técnicas e metodologias aplicadas por Barbosa (2004), que serão exploradas e identificadas de acordo com cada um dos capítulos do livro de Kirwan e Seigerman, traduzidos por Gustavo Esteves, de modo a cobrir o trabalho do tradutor de modo geral em *Take Your Eye Off The Ball* e identificar as técnicas definidas por Barbosa (2004) em seu trabalho.

Tabela 3 – Técnicas de Tradução

Técnica
TRADUÇÃO PALAVRA-POR-PALAVRA
TRADUÇÃO LITERAL
TRANSPOSIÇÃO
MODULAÇÃO
EQUIVALÊNCIA
OMISSÃO/EXPLICITAÇÃO
COMPENSAÇÃO
RECONSTRUÇÃO
MELHORIAS
TRANSFERÊNCIA
EXPLICAÇÃO
DECALQUE
ADAPTAÇÃO

Fonte: minha autoria com base em Barbosa (2004).

Além das técnicas, elencadas uma a uma por Barbosa, seguindo diretrizes próprias, concordando ou discordando das propostas de estudiosos dos Estudos de Tradução, a autora também separou essas técnicas em quatro graus de complexidade em um capítulo posterior, que foram elencados neste trabalho, no capítulo 2, de Estudos da Tradução e Pressupostos Teóricos. Dessa maneira, os dois primeiros

métodos elencados pela autora no trabalho, de tradução palavra-por-palavra e tradução literal, são tidos como os mais complexos e que mais exigem do tradutor.

Em “Tire Os Olhos Da Bola”, é complicado encontrar sequência de mais de três ou quatro palavras que oportunizem uma tradução palavra-por-palavra, e isso se deve à dificuldade de transposição das regras gramaticais e de sintaxe da língua inglesa para a portuguesa. Na tabela abaixo, são selecionados alguns recortes do primeiro capítulo do livro, contendo o trecho em sua língua original, e em seguida, a tradução, método que é utilizado no decorrer da análise, também.

Tabela 4 – Trecho do Capítulo 1

Original	Tradução
<b>The Patriots scored a touchdown to tie the game</b> , which obviously make it a successful possession. But there’s a lot more information to be evaluated here than just the result.	<b>Os Patriots marcaram um touchdown para empatar a partida</b> , o que obviamente a transformou em uma posse bem-sucedida. Mas há <b>muito mais informação a ser avaliada aqui</b> do que somente o resultado.

Fonte: minha autoria com base em Kirwan e Seigerman (2010, p. 15, grifo meu) e Kirwan e Seigerman (2015, p. 22, grifo meu), tradução de Esteves.

No trecho destacado e em seu primeiro grifo, “*The Patriots scored a touchdown to tie the game [...]*” (KIRWAN; SEIGERMAN, 2010), temos uma rara sequência de palavras que possibilitaram uma **tradução palavra-por-palavra**, onde há preservação de sentido, mesmo número de palavras e a tradução literal de cada uma delas. Nesse caso, a tradução acontece da seguinte forma:

Figura 4 – Imagem comparativa

**The Patriots scored a touchdown to tie the game**

**Os Patriots marcaram um touchdown para empatar o jogo**

Fonte: minha autoria.

Percebe-se que as 9 palavras se complementam, original e tradução, com suas cargas semânticas devidamente mantidas, tanto no inglês, quanto no português, onde há a manutenção do nome do time, os *Patriots* (patriotas), e também do nome dado à pontuação máxima do futebol americano, o *touchdown*, expressão já consagrada na área do esporte, e que jamais recebera uma tradução para o português.

Na sequência do trecho, mais uma tradução contendo a técnica de palavra-por-palavra, em “[...] *lot more information to be evaluated here* [...]”, adaptada por Esteves como “muito mais informação a ser avaliada aqui”, mas, como destacado por Barbosa, é natural que esse tipo de tradução seja aplicada em pequenas sequências de palavras, afinal, “é rara uma convergência tão grande entre as línguas” (BARBOSA, 2004, p. 65) no que diz respeito a manutenção, tanto do sentido, quanto da classe gramatical das palavras em um texto original e em sua tradução.

Muito associada, e por vezes, confundida com a metodologia de tradução palavra-por-palavra, está a **tradução literal**. Esse tipo de técnica de tradução prioriza a questão semântica inserida no texto, mas sem deixar de lado a questão estrutural do par de línguas. No entanto, essa metodologia pede uma certa adequação às regras gramaticais presentes na língua de chegada, ou seja, aquela para qual o texto está sendo traduzido. Sobre a tradução literal, e mais precisamente, sobre essa noção de literalidade, Francis Aubert (1987) defende que:

[...] descartadas as suas manifestações ingênuas e amadorísticas, a literalidade constitui um dos principais desafios do processo tradutório e medida bastante confiável do grau de êxito na busca da fidelidade, quer ao texto de partida, quer à língua, cultura e leitores destinatários da tradução. (AUBERT, 1987, p.8).

Por “manifestações ingênuas e amadoras”, pode-se dizer que Aubert faz referência à noção simplificada de tradução, onde há despreendimento e desleixo na questão semântica e na lexical, algo que é comum de observar em traduções onde a competência de quem traduz é limitada a ter experiência e certo conhecimento de uma segunda língua, mas ao mesmo tempo, tendo pouca (ou nenhuma) afinidade com as noções dos Competência Tradutória.

Em “Tire os Olhos da Bola”, é comum a utilização do recurso da literalidade para traduzir o texto de Kirwan e Seigerman. Na tabela abaixo estão situados exemplos de escolhas tradutórias feitas por Gustavo Esteves utilizando tal recurso:

Tabela 5 – Trecho do Capítulo 2

Original	Tradução
In the final minutes of the first half, the <b>booth coach</b> typically <b>gets down to the locker room</b> ahead of everyone else.	Nos últimos minutos do primeiro tempo, o <b>técnico da cabine</b> geralmente <b>vai para o vestiário</b> antes de todo mundo.

Fonte: minha autoria com base em Kirwan e Seigerman (2010, p. 29, grifo meu) e Kirwan e Seigerman (2015, p. 42, grifo meu), traduzido por Esteves.

Nesse trecho é possível observar a presença da literalidade em diversos pontos. Pela ausência de equivalência sintática e gramatical nas duas línguas, que por sinal, não compartilham as mesmas raízes etimológicas. Algumas escolhas feitas por Esteves mantêm o sentido do que foi anteriormente escrito por Kirwan e Seigerman na obra original, mas alteram levemente o texto, adicionando ou subtraindo o número de palavras da oração. Tal técnica pode ser observada em *booth coach*, que foi traduzido para “técnico da cabine”, em detrimento de uma tradução palavra-por-palavra, com alteração de ordem sintática e perda de sentido, como “técnico-cabine”. Caso optasse pela segunda opção, Esteves estaria entrando no campo mencionado por Aubert (1987) no que tange a visão ingênua da tradução.

No mesmo trecho, ainda, Esteves traduz *get down to the locker room* como “vai para o vestiário”. Nesse segmento, o tradutor poderia ter optado por traduzir *get down* como “desce até”, uma vez que as cabines ficam localizadas nas partes mais altas dos estádios de futebol americano, mas como não havia prejuízo de sentido, a escolha foi feita baseando-se apenas no ato de “chegar até um lugar”. Quanto a *locker room*, a tradução natural para “vestiário” se fez presente. Totalizando as opções feitas por Esteves, não houve prejuízo de sentido, mesmo com algumas pequenas alterações no texto, mas que podem ser defendidas com base na adequação cultural e nas diferenças estruturais entre os idiomas.

De maneira geral, foi possível observar através das análises das técnicas aplicadas, uma certa deliberação do tradutor nas suas escolhas perante a obra. Ao mesmo tempo em que, como já mencionado, o futebol americano é um esporte ainda em crescimento e pouco explorado no meio cultural brasileiro, o grau de dificuldade do livro de Kirwan e Seigerman, mesmo para falantes do inglês, parece ter colaborado com algumas das opções de Esteves, e do seu revisor técnico, Antony Curti, também, já que muitos jargões e termos técnicos utilizados pelos autores do livro foram mantidos com sua grafia original, como estrangeirismos cristalizados no meio desportivo.

Nas próximas técnicas abordadas no trabalho, é possível ver marcas de tradução mais próprias do tradutor. Conforme o modelo proposto por Barbosa (2004), técnicas como a transposição, a modulação e a equivalência, são situações de tradução de grau de dificuldade mais elevado, uma vez que se trata de uma situação de divergência linguística existente entre as línguas.

No caso da **transposição**, muitas vezes se trata de uma técnica aplicável, mas ao mesmo tempo, opcional, uma vez que sua definição consiste em alterar, na língua de chegada, elementos gramaticais do trecho original. Pode se tornar uma aplicação baseada no estilo do tradutor, e não em algo obrigatório, uma vez que a literalidade da tradução possibilita muitas vezes a alteração da unidade linguística e a conservação do sentido do texto, ao mesmo tempo.

Tabela 6 – Trecho do Capítulo 3

Original	Tradução
<b>PRE-SNAP READ: THE MENTAL PHASE</b>	<b>LEITURA ANTES DO SNAP: A FASE MENTAL</b>

Fonte: minha autoria com base em Kirwan e Seigerman (2010, p. 36, grifo meu) e Kirwan e Seigerman (2015, p. 52, grifo meu), traduzido por Esteves.

Nesse subcapítulo de “*Take Your Eye Off The Ball*”, Esteves precisa transpor um adjetivo composto do inglês, *pre-snap*, que quer dizer “antes do snap”, mas pela constituição linguística e sintática do inglês, não consegue manter as categorias gramaticais dos elementos do texto. Nesse caso, como o adjetivo *pre-snap*, está atrelado ao substantivo *read*, e em português, “leitura”, o tradutor adiciona um adjunto

adnominal, com característica adjetival, no caso “antes do snap”, uma tradução literal de *pre-snap*, mas que sustenta uma classe gramatical diferente.

Por que muitas vezes torna-se encontrar equivalentes na mesma língua, em termos de conservação de classe gramatical, a utilização da transposição é algo meramente classificável. Sobre a sua utilização, Barbosa defende que “a transposição pode ser obrigatória, quando é imprescindível para que a tradução se atenha às normas da LT, ou facultativa quando é realizada por questões de estilo” (BARBOSA, 2004, p. 67).

A **modulação**, outro procedimento tradutório utilizado pelos profissionais em seus trabalhos, também possui a característica de ser facultativa na grande maioria das vezes. Muito utilizada para traduzir expressões consagradas em línguas estrangeiras, a modulação objetiva transmitir na língua de chegada uma situação que esteja adequada a sua realidade, e não à realidade da língua do texto original. Em “Tire os Olhos da Bola”, Esteves utilizou essa técnica para transpor um trecho onde Kirwan e Seigerman faziam referência ao envelhecimento dos jogadores:

Tabela 7 – Trecho do Capítulo 4

Original	Tradução
Thirty might not seem like <b>over the hill</b> , but for running backs it represents a <b>career-ending cliff</b> .	Trinta pode não parecer <b>uma montanha muito alta</b> , mas para <i>running backs</i> representa um <b>desfiladeiro de fim de carreira</b> .

Fonte: minha autoria com base em Kirwan e Seigerman (2010, p. 45, grifo meu) e Kirwan e Seigerman (2015, p. 66, grifo meu), traduzido por Esteves.

Na língua inglesa, *over the hill*, é comumente utilizado, sem necessidade de explicação elaborada, para designar uma situação onde uma pessoa está atingindo uma idade avançada. Fora de um contexto de futebol americano, a expressão é utilizada para se referir a pessoas que estejam atingindo os 50 ou 60 anos de idade. No contexto do trecho destacado, no entanto, faz referência à idade de um *running back*<sup>5</sup>,

---

<sup>5</sup> *Running back* é o jogador que costuma se posicionar junto de um *quarterback* e é responsável por correr com a bola de trás da linha de *scrimmage*.

que no contexto do esporte, pode significar uma idade avançada a partir dos 30 anos de idade. De modo a traduzir essa expressão, Esteves se apoiou na complementação da frase, onde os autores escrevem *career-ending cliff*, ou, no português, “desfiladeiro de fim de carreira”, em uma tradução literal, para traduzir *over the hill* como “montanha muito alta”, e assim, dar sentido a “montanha muito alta”.

Sendo um livro escrito por especialistas no esporte e norte-americanos de nascença, Kirwan e Seigerman utilizam, além dos jargões e termos técnicos específicos do esporte, ditados populares característicos da língua inglesa. Para o tradutor, a presença desses ditados e gírias se torna um grande desafio no ato da tradução, já que a diferença cultural existente entre uma língua e outra dificilmente se assemelha a tal ponto que possibilite uma tradução literal desses ditados. Pensando nisso, uma das técnicas possíveis utilizadas pelos tradutores para transpor esses trechos de texto na língua de chegada é a **equivalência**, que consiste justamente em utilizar, no caso de um ditado ou gíria, uma passagem semelhante da língua de chegada, para que não haja perda de sentido no texto traduzido. Abaixo, foi selecionado o título do sexto capítulo de “*Take Your Eye Off The Ball*” para ilustrar como essa técnica pode ser empregada:

Tabela 8 – Trechos dos Capítulos 6 e 7

Original	Tradução
THERE’S ALWAYS A CATCH!	TEM QUE TER PEGADA!
LAYING IT ON THE LINE	DESENHANDO A LINHA

Fonte: minha autoria com base em Kirwan e Seigerman (2010, p. 57 e p. 66) e Kirwan e Seigerman (2015, p. 83 e p.97), traduzido por Esteves.

A primeira expressão, que dá nome ao quinto capítulo do livro, é *there’s always a catch*, que é um ditado utilizado para quando você está em uma situação que apresenta uma condição ou uma intenção oculta. Por exemplo, em uma situação cotidiana, uma mãe pode prometer ao filho que vai levá-lo ao fliperama, notícia que ele recebe com muita alegria. No entanto, ela diz ao filho que isso só vai acontecer caso ele faça seus deveres. Ao ouvir isso, o filho diz “sabia ... sempre tem uma condição”, e essa condição

é a *catch*. Não há no português, uma expressão que soe equivalente, e ao mesmo tempo, conserve a identificação de uma expressão popular, portanto, valendo-se do fato de que é um capítulo voltado para os *wide receivers*<sup>6</sup>, Esteves opta por nomear o título do capítulo como “Tem que ter pegada”, em clara alusão ao ato de “pegar a bola”, principal função do *receiver*. Apesar de uma fuga de sentido e completo afastamento da tradução literal que permeia boa parte da tradução, nesse ponto o tradutor valeu-se do contexto geral do capítulo para ser “funcionalmente equivalente”, nas palavras de Barbosa (2004, p. 67).

Apresentadas as técnicas tradutórias – como as utilizadas por Esteves – que faziam referência a temas de natureza extralinguística e de signos linguísticos, passando por técnicas que são utilizadas para compor uma tradução que lida com divergências da língua e cultura, como foram os casos da equivalência, modulação e transposição, Barbosa apresenta as técnicas que são, de certa forma, mais liberais, pois suas aplicações dependem mais de uma questão de estilo do tradutor, do que uma imposição do próprio texto a ser traduzido.

O primeiro destes procedimentos voltados para o estilo do tradutor é a omissão ou a explicitação, que consistem basicamente em omitir ou adicionar um elemento na tradução, o que seria uma ação justificada pela diferença do sistema linguístico entre as línguas de chegada e partida. Muito presente na tradução do inglês para o português, onde não é tão necessária a utilização dos pronomes pessoais, Esteves também aplica esse método em alguns trechos do livro, como por exemplo, no trecho abaixo:

Tabela 9 – Trecho do Capítulo 6

Original	Tradução
Zone blocking was the brainchild of Alex Gibbs, who originated the scheme <b>when he was the offensive line coach</b> in Denver.in the mid-1990s.	O bloqueio de zona é filho de Alex Gibbs, que deu origem ao esquema <b>quando era técnico de offensive line</b> em Denver na metade dos anos 90.

Fonte: minha autoria com base em Kirwan e Seigerman (2010, p. 69, grifo meu) e Kirwan e Seigerman (2015, p. 101-102, grifo meu), traduzido por Esteves.

<sup>6</sup> *Wide receivers* são jogadores que atuam no ataque e geralmente recebem as bolas passadas pelo *quarterback*.

No período grifado, é possível ver a **omissão** sendo posta em prática em dois momentos. Primeiro quando, na língua inglesa, temos o pronome pessoal *he* para retomar “Alex Gibbs”. Procedimento este que não precisa ser mantido na língua portuguesa, por já estar subentendida a relação, e que foi exatamente o que Esteves optou por fazer, ocultando o pronome pessoal que faria referência a “Alex Gibbs”. Depois, temos o artigo definido *the*, antes de *offensive line*. Novamente, Esteves pensou não ser necessária a utilização do artigo para apresentar o substantivo. Ao fazer essas escolhas, o autor está aplicando as suas marcas de estilo, e nesse caso, uma omissão. Um fator que colabora para a aplicação da omissão, é o fato de a tradução ser de um texto em inglês, transposto para o português. Caso fosse a situação inversa, pelas características particulares aos dois idiomas, o tradutor possivelmente utilizaria uma “explicitação”, que é justamente o procedimento contrário ao da omissão, sendo que ambos são pareados como uma única técnica em Barbosa (2004).

Outro recurso técnico que algumas vezes é utilizado por tradutores é a **compensação**, que propõe exatamente o que sua denominação sugere, ou seja, numa tradução, seria o ato de compensar um trecho do texto no idioma original, em outra parte, posterior ao trecho do texto original, na tradução. Isso ocorre devido à impossibilidade de manter o sentido pretendido pelo autor em caso de utilização de literalidade, que é, basicamente, a técnica proeminente de Gustavo Esteves. Não foi perceptível no texto traduzido qualquer utilização da técnica de compensação, talvez por ser um movimento de deslocamento do texto um tanto “brusco”, e que não agrada o tradutor. No entanto, é possível recortar um trecho em inglês do livro e aplicar essa técnica para melhor demonstrá-la:

Tabela 10 – Trecho do Capítulo 7

Original	Minha tradução
<b>As long as a quarterback has the hand size and strength to sell the deception,</b> the Pump Fake Draw is going to become a stamper across the league.	O Pump Fake Draw se tornará algo fixo na liga, contanto que o quarterback continue a ter o tamanho e a força na mão para vender a mentira.

Fonte: tradução de minha autoria, com base em Kirwan e Seigerman (2010, p. 83-84, grifo meu).

No exemplo destacado há uma inversão das sentenças que, na verdade, não é necessária caso a tradução siga uma linha de tradução literal. Mesmo assim, fica a critério do tradutor julgar a necessidade de alterar a frase sintaticamente de modo a dar destaque para uma informação que viria numa etapa posterior, e depois compensar esse movimento colocando a informação logo após o trecho ao qual foi dado destaque. Em livros de caráter mais literário, com inglês mais rebuscado ou com enredo voltado para ficção, contendo parágrafos mais elaborados com detalhes, essa aplicabilidade parece mais viável do que no texto de Kirwan e Seigerman, que é bem objetivo nas suas explicações.

Outro recurso técnico apresentado no modelo de Barbosa, a **reconstrução de períodos** é outro método que pode ser aplicado visando, principalmente, evitar uma literalidade exagerada no texto traduzido, de modo que a característica da língua de chegada (no caso, o português) seja deixada de lado. No trecho da tabela abaixo, retirado no capítulo oito de *Take Your Eye Off The Ball*, é possível ver com clareza uma redistribuição de orações quando o mesmo trecho escrito em inglês é traduzido para o português:

Tabela 11 – Trecho do capítulo 8

Original	Tradução
The Bucs had the league's top-rated defense in both 2002 and 2005, the high point being a victory in Super Bowl XXXVII when they intercepted five passes and returned three of them for touchdowns.	Os Bucs tiveram a melhor defesa da liga em 2002 e 2005, sendo o ponto mais alto a vitória do Super Bowl XXXVII, quando interceptaram cinco passes, dos quais três foram retornados para touchdowns.

Fonte: minha autoria com base em Kirwan e Seigerman (2010, p. 85) e Kirwan e Seigerman (2015, p. 125), traduzido por Esteves.

No trecho em questão, as orações são divididas com mais clareza, até pela característica da língua de chegada, onde as pausas são mais marcadas na escrita. Na língua inglesa, não há essa necessidade. Esse, então, acaba se tornando um processo inverso: quando há tradução do português para o inglês, geralmente as orações são agrupadas, enquanto na tradução do inglês para o português, como percebe-se no

exemplo, as orações são divididas. Diversas vezes Gustavo Esteves precisa aplicar essa técnica, uma vez que, ao fazer isso, ele preserva o sentido, mesmo que esteja aplicando pequenas “correções” de característica linguística. Aliás, quando se fala de correções, Barbosa (2004) propõe uma técnica chamada de **melhoria**, que nada mais é do que, na sua tradução, aplicar uma correção em algo que esteja errado no texto original. Essa técnica só é aplicada em caso de necessidade, e após longa análise da tradução de Esteves, em comparação com o texto escrito por Kirwan e Seigerman, nenhuma marca de correção foi encontrada.

Se não houveram situações de melhoria aplicadas pelo tradutor ao longo do seu trabalho, o mesmo não pode ser dito a respeito da técnica que Barbosa (2004) classifica como **transferência**, e cuja utilização é marcante no trabalho feito por Esteves. A transferência é um procedimento enquadrado pela autora como pertencente aos métodos que estão dentre os utilizados por motivo de divergência extralinguística. Ou seja, uma grande diferença de maneira geral no contexto cultural ao qual pertencem cada uma das línguas, original e do texto traduzido. Nessas situações, o tradutor opta por “pegar emprestado” o termo do livro original e situá-lo no texto de chegada com a grafia exatamente igual ao do idioma de saída. Estes empréstimos de palavras geralmente são destacados de alguma forma no texto, geralmente utilizando o itálico, e Esteves opta por assim o fazê-lo colocando todos os termos referentes a jogadas, posição dos jogadores e gírias mais elaboradas no seu idioma original, conservando palavras em inglês na sua tradução para o português, como é possível observar na Tabela 2.

Mesmo sendo uma técnica comum a ser aplicada um livro tão especializado, é importante destacar que a dificuldade da tradução do livro de Kirwan e Seigerman se dá muito pela quantidade de expressões cuja tradução do inglês para o português deixaria de fazer sentido para um conhecedor da área, que do Brasil, assiste aos jogos e está acostumado com a utilização dos termos em inglês nas narrações dos jogos e em textos de análise das partidas. No entanto, mesmo tendo essa noção como conhecedor do esporte, é importante observar como Esteves adotou uma postura conservadora quanto a se deveria ou não traduzir esses termos, optando por traduzir todas as palavras referentes ao jogo, desde que fossem exclusivas ao mesmo.

Dentro da transferência, Barbosa (2004) subdivide essa técnica em algumas modalidades, sendo que a tradução “expressão por expressão”, como o ato de manter os nomes das posições dos jogadores idênticos a como são chamadas na língua inglesa (*quarterback, safety, receiver, running back*), é denominado **empréstimo**. Não há nenhuma modificação no termo, ele apenas é empregado em um texto de língua diferente. No seu livro “Manual do Futebol Americano”, Curti (2017), que também é revisor técnico da tradução de Tira os Olhos da Bola, realizou o mesmo procedimento que Esteves e destacou todos os nomes das posições, jogadas e termos próprios do jogo com itálico, indicando o seu estrangeirismo.

Outra forma de aplicar uma transferência seria realizando uma **transliteração**, que é um método de tradução onde palavras de idiomas diferentes, que não compartilhem o mesmo sistema gráfico, seriam totalmente readaptadas para o contexto da língua de chegada. Por ser extremamente rara, fora o fato de que o inglês e o português utilizam o alfabeto romano, essa técnica não precisou ser utilizada por Esteves. O mesmo pode ser dito da **aclimatação**, que consiste em aplicar uma pequena mudança morfológica no estrangeirismo inserido no texto, no momento da tradução. Informalmente, nas narrações dos jogos no Brasil, é comum que isso ocorra no ato da fala. Expressões como *tackle*<sup>7</sup> foram adotadas e hoje utilizadas como verbo pelos comunicadores. No caso, é comum ouvir frases como “o jogador *tackleou* o outro”, estabelecendo um híbrido entre os dois sistemas linguísticos diferentes, na mesma palavra.

Concomitante com uma transmissão de um esporte que não é originário do seu país e ainda é desconhecido por boa parte da população, muitas vezes os narradores precisam citar um termo, podendo ser a posição de um jogador, uma regra, ou até, o tipo de jogada executada, e explicar o significado desse termo logo em seguida, para contextualizar a audiência, que nem sempre dominará os termos do jogo. O mesmo acontece com a **transferência com explicação**, que acontece em alguns momentos na tradução de Gustavo Esteves. Para aplicar esse tipo de técnica, é possível usar uma nota de rodapé, ou ainda, adicionar a explicação no próprio texto, como o tradutor fez no recorte abaixo:

---

<sup>7</sup> *Tackle* é quando um jogador tenta atingir o outro para derrubá-lo no chão.

Tabela 12 – Trecho do capítulo 1

Original	Tradução
Just like a baseball fan diligently tracks <b>each at-bat</b> [...]	Assim como um torcedor de beisebol acompanha de maneira aplicada <b>cada oportunidade no bastão (at-bat)</b> [...]

Fonte: minha autoria com base em Kirwan e Seigerman (2010, p. 12, grifo meu) e Kirwan e Seigerman (2015, p. 18, grifo meu), traduzido por Esteves.

No trecho onde ocorre a transferência com explicação, Gustavo possivelmente se deparou com uma situação diferente das demais expressões do texto, e isso acontece porque neste momento, os autores utilizam um segundo esporte para estabelecer um paralelo com o futebol americano: o beisebol, que também possui uma série de peculiaridades e termos próprios do esporte, como por exemplo, *at-bat*<sup>8</sup>. Comum em transmissões e estatísticas do beisebol o termo “*at-bat*” não foi contextualizado no livro original por ser extremamente comum ao beisebol. A situação se assemelha a uma estatística de futebol onde é apresentado o número de chutes a gol que um jogador consegue durante uma partida. Sabendo disso, Gustavo apresenta a explicação antes do termo ser mencionado, o que de certa forma retira um pouco do peso da expressão em inglês, dividindo com a explicação, que de forma clara ilustra a situação do jogo. Mantendo o estrangeirismo, aliás, Gustavo não estaria aplicando uma outra técnica proposta por Barbosa em seu modelo, a **explicação**, que consiste em substituir o termo da língua original, pela explicação equivalente na língua de chegada.

A consistência do tradutor na questão dos estrangeirismos e transferência completa dos termos específicos do jogo para a língua de chegada, também o privou da necessidade de realizar **decalques** ou **adaptações**, duas situações um tanto opostas. Em um decalque, diversas expressões que foram mantidas com a sua grafia original na tradução, como *footwork*<sup>9</sup>, *goal-line scenarios*<sup>10</sup> e *trick plays*<sup>11</sup>, caso fossem traduzidas

<sup>8</sup> *At-bat* é a situação onde um jogador de baseball tem a oportunidade de ir ao bastão e rebater no turno ofensivo do seu time. Geralmente, um jogador tem cerca de 5 “*at-bats*” por jogo.

<sup>9</sup> *Footwork* é a capacidade do jogador de se movimentar com agilidade e destreza graças à movimentação das suas pernas.

<sup>10</sup> *Goal-line scenarios* são situações onde um time está avançado no campo de ataque, muito próximo de anotar um *touchdown*.

para o português, como “trabalho de pés”, “situações de linha de gol” e “jogadas para enganar”, estariam sendo adaptadas para um melhor entendimento do leitor. A adaptação, por outro lado, seria a necessidade de ilustrar uma situação de algum trecho do texto na língua original, de maneira completamente diferente, adaptando para uma realidade e contexto social específicos do idioma da língua de chegada. Como vimos pela preferência do tradutor ao longo do texto, poucas foram as situações onde ele enxergou a necessidade de fazer essa adaptação brusca no texto, preferindo confiar no conhecimento de área do leitor para que este tivesse fácil entendimento do texto.

De maneira geral, é interessante observar como as escolhas do tradutor refletiram na obra de modo a deixá-la consistente, com a mesma proposta que os autores do livro, Pat Kirwan e David Seigerman, tinham ao escrevê-lo: repassar conhecimento extra para conhecedores do esporte que desejavam se aprofundar ainda mais no jogo.

---

<sup>11</sup> *Trick plays* são jogadas para enganar o adversário e conseguir surpreendê-lo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução de um texto técnico dificilmente permite que a literalidade se faça presente, e que termos da língua original possam ser mantidos no texto de língua de chegada, com empréstimos e estrangeirismos. Basta pensar em uma bula de remédio, feita para informar o cliente sobre todas as especificidades de um medicamento. Essa informação precisa ser levada de maneira clara, de modo que uma pessoa possa entender o que está sendo comunicado. Da mesma forma, um equipamento eletrônico recém comprado por um hospital também precisa ter um manual com informações acessíveis, com instruções de montagem claras. Afinal, existem boas chances desse material ter vindo de um país do exterior, com diversos termos técnicos que precisam de uma equivalência na língua de chegada, ou a informação dificilmente será clara.

Nesse ponto, o tradutor observou a vantagem de poder realizar esses empréstimos de termos na língua de chegada, conservando o sentido do que era transmitido e confiando, ao mesmo tempo, na competência do seu público-alvo, que por ser restrito, pode ter dado uma maior segurança para as escolhas de Esteves. Assim, além de preservar características próprias do jogo, o tradutor também protegeu a língua portuguesa, que não foi utilizada de maneira forçada para transmitir ideias que não são estabelecidas em outra língua que não o inglês.

Dessa maneira, o resultado obtido foi excelente no que tange a transmitir a mensagem do autor do livro original, uma vez que o texto em inglês continha uma diversidade de informações específicas do jogo e novas perspectivas para o leitor, em um convite a ampliar o conhecimento do mesmo. Isso foi transmitido através de uma tradução coesa e com tendências de estilo que não prejudicaram o entendimento.

Se Kirwan e Seigerman pedem, em *“Take Your Eye Off The Ball”*, para que os olhos dos fãs não focalizem apenas a bola, mas sim, tudo que a cerca, de modo a perceber o jogo de uma perspectiva diferente, com todas as suas particularidades. A tradução também exige este desprendimento por parte do tradutor a todo momento.

Uma tradução não se baseia apenas no que diz respeito ao idioma e o conhecimento das camadas linguísticas mais aparentes, mas sim, em observar o contexto geral, analisar tudo que cerca o conteúdo do texto a ser traduzido para que

dessa maneira sejam alcançadas as nuances de sentido mais profundas e urdidadas, e nesse ponto, é elogiável a consistência de Esteves ao longo de todo o seu trabalho.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos Técnicos de Tradução: Uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 2004.

BLIND SIDE. In: SPORTS Dictionary for NBA. Edmonton: SportingCharts, 2015. Disponível em: <<https://www.sportingcharts.com/dictionary/nfl/blind-side.aspx>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

CATFORD, John Cunnison. *A linguistic theory of translation*. Oxford: Oxford University, 1965.

CONCUSSION. Dirigido por Peter Landesman. Escrito por: Peter Landesman, Jeanne Marie Laskas. Interpretação: Will Smith, Alec Baldwin, Albert Brooks e outros. Dallas: LStar Capital, 2015.

CURTI, Antony. *Manual do Futebol Americano*. São Paulo: Action Books, 2017.

FRIDAY Night Lights. Dirigido por Peter Berg. Escrito por Buzz Bissinger, David Aaron Chen e Peter Berg. Interpretação: Billy Bob Thornton, Lucas Black e outros. Universal City: Universal Pictures, 2004.

KIRWAN, Pat; SEIGERMAN, David. *Go Deeper. Quarterback – The Toughest Job in Pro Sports*. Chicago: Triumph Books, 2015.

KIRWAN, Pat; SEIGERMAN, David. *Take Your Eye Off The Ball: How to Watch Football by Knowing Where to Look*. Chicago: Triumph Books, 2010.

KIRWAN, Pat; SEIGERMAN, David. *Tire os Olhos da Bola*. Traduzido por Gustavo Esteves. Santos: Editora Simonsen, 2015.

LUCAS, Ray; SEIGERMAN, David. *Pressure: Why Playing Football Almost Cost Me Everything And Why I'd Do It All Again*. Chicago: Triumph Books, 2014.

MANCHA, Paulo. *Entrevista com o primeiro comentarista de futebol americano do Brasil*. Disponível em <<https://viajandoporesporte.com/nfl-no-brasil-desde-1969/>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

NORMAN, Jim. *Football Still Americans' Favorite Sport to Watch*. Gallup, 2018. Disponível em <<https://news.gallup.com/poll/224864/football-americans-favorite-sport-watch.aspx>>. Acesso em: 28 out. 2018.

HALEY, Andy. *Football Field Dimensions and Goal Post Sizes: A Quick Guide*. Stack, 2017. Disponível em <<https://www.stack.com/a/the-dimensions-of-a-football-field>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

HURTADO ALBIR, Amparo. A Aquisição da Competência Tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia Maria; ALVES, Fábio (Org.). *Competência em Tradução: cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 19-57.

HURTADO ALBIR, Amparo. *Traducción y Traductología: introducción a la traductología*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.

LEWIS, Michael. *The Blind Side: Evolution of a Game*. New York: W. W. Norton & Company, 2006.

MCCARTHY, Niall. *Countries with the most NFL Fans Outside the US*. Statista, 2015. Disponível em <<https://www.statista.com/chart/3185/countries-with-the-most-nfl-fans-outside-the-us/>>. Acesso em 05 nov. 2018.

NIDA, Eugene Albert. *Toward a science of translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Leiden: E.J. Brill, 1964.

RYCHEN, Dominique Simone; SELGANIK, Laura Hersh. *Key Competencies for a Successful Life and a Well-Functioning Society*. Göttingen: Hogrefe & Huber, 2003.

THE BLIND Side. Direção: John Lee Hancock. Escrito por John Lee Hancock e Michael Lewis. Interpretação: Quinton Aaron, Sandra Bullock, Tim McGraw e outros. Los Angeles: Alcon Entertainment, 2009.

THE LONGEST Yard. Direção: Peter Segal. Roteiro: Albet S. Ruddy. Intérpretes: Adam Sandler, Burt Reynolds, Chris Rock e outros. Los Angeles: Paramount Pictures, 2005.

TRADUÇÃO. In: DICIONÁRIO Michaelis. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda., 2018. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=ZN2dM>>. Acesso em: 5 nov. 2018.